



LIMA BARRETO E AS PAISAGENS DA LOUCURA

Isabella Belmiro Araujo¹ -

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/PPGEO - isaaraujo@hotmail.com

Bruno Almeida Regis dos Santos²

Universidade Federal Fluminense/PPGEDU – bruno05regis@hotmail.com

Resumo:

O tema inclusão está muito em voga nos dias de hoje. No entanto, essa discussão tem sido travada muito recentemente no Brasil, para ser mais específica, a partir do compromisso que o país assumiu ao assinar a Declaração de Salamanca, em 1994. Para discutir o tema inclusão/exclusão, utilizaremos algumas obras do escritor Lima Barreto, em especial o “Diário do Hospício – O Cemitério dos Vivos”, na qual o referido autor relata/denuncia o tempo em que foi interno no Hospital Psiquiátrico Pedro II e o tratamento dado às pessoas consideradas desviantes da sociedade e que eram enclausuradas em um espaço esquecido pela sociedade, uma paisagem não natural e muito excludente. Além dessa obra literária, há outros escritos que dizem muito sobre o autor, sobretudo por meio de alguns personagens, fundindo a realidade com a ficção. Para que tal estudo seja desenvolvido, utilizaremos com prioridade as obras do próprio escritor Lima Barreto, assim como bibliografias que discutam conceitos ou questões como inclusão/exclusão de pessoas com necessidades especiais; paisagem; as políticas públicas dos anos 20 e as atuais, dentro outros.

Palavras-chave: Inclusão, Exclusão, Lima Barreto, Paisagem, Loucura.

Introdução:

A escolha pelo tema foi motivada, primeiramente, pela nossa formação, por termos curso de especialização em Educação Especial e atuação na área. Causou-nos interesse em pesquisar o livro de Lima Barreto “Diário do Hospício – Cemitério dos Vivos” pelo viés da inclusão/exclusão social e realizar um paralelo entre os primeiros anos da década de vinte, do século XX, e as perspectivas atuais

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ; Mestre em Geografia pela UERJ-FFP; Especialista em Educação Especial pela UniRio e em Gestão Escolar pela UERJ/FFP; Licenciada em História pela UERJ e Licenciada em Pedagogia pela UFF.

² Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da UFF, Especialista em Educação Tecnológica – CEFET/RJ e Licenciado em História pela UERJ/FFP.



de políticas públicas, as quais versam sobre a luta antimanicomial. Isto é, justamente numa perspectiva contrária à praticada há cem anos e que o Lima Barreto denunciou no livro supracitado.

O objetivo principal dessa pesquisa foi analisar as obras de Lima Barreto, em especial o “Diário do Hospício - O cemitério dos vivos”, à luz da questão da inclusão/exclusão da pessoa considerada “alienada” na época (1919-1920) em que o Lima Barreto foi interno do Manicômio Pedro II, na Praia Vermelha, no Rio de Janeiro. Além disso, como objetivos complementares, pretendemos reconstruir a paisagem do referido hospital psiquiátrico e seus sujeitos e cenas descritas por Lima Barreto; contribuir para a vida e obra do escritor Lima Barreto, sobretudo no que diz respeito às questões referentes ao seu quadro psíquico descrito no seu livro-denúncia; traçar um paralelo, sem a intenção de cometer anacronismo, entre as políticas vigentes no início do século XX e os avanços e/ou retrocessos na atualidade; analisar a múltipla marginalização social de Lima Barreto: negro, descendente de pessoas escravizadas, alcoólatra e acometido de alucinações.

A literatura muito contribui para compreender a sociedade de uma dada época, ainda mais quando essa literatura se centra quase que predominantemente em questões sociais. Assim, o autor que em questão, Lima Barreto, muito contribuiu para desenhar contextos, paisagens e relações nas primeiras décadas do século XX e, inclusive, a literatura muitas vezes o ajudava a se refugiar do álcool. O álcool servia para se refugiar de si, esquecer-se, tentar desaparecer, enquanto a literatura realizava ao contrário, isto é, o engrandecia, meio em que tentava se afirmar, na qual tomava coragem para mostrar um pouco mais de si por meio de seus personagens.

Assim, a literatura sempre foi sua válvula de escape e sua grande esperança. Em uma publicação para a Revista Sousa Cruz, de 1921, acerca do destino da literatura, expôs que a literatura era a sua própria razão de existir e, inclusive, diz que se casou com ela: “mais do que qualquer outra atividade espiritual de nossa espécie, a arte, especialmente a literatura, a que me dediquei e com quem me casei (...)”. (BARRETO, Lima. 1921).

Neste trabalho estão em voga as paisagens que Lima Barreto desenhou ao relatar os horrores do Manicômio Pedro II na condição de interno, descritas em sua obra “Diário de Hospício – Cemitério dos vivos”. Então nos perguntamos em como o livro “Diário de Hospício – Cemitérios dos vivos” e outras obras do autor supracitado nos apresentam paisagens de horror, segregação e preconceito?

Cabe ressaltar que o conceito de paisagem que por ora utilizamos, não é referente à paisagem natural. A partir dos anos setenta do século XX, a Geografia também passou a utilizar o conceito de paisagem cultural, que delinea ao mesmo tempo o contexto geográfico e histórico, considerando o entorno social e as ações naturais e humanas. Neste caso, a paisagem cultural parte do espaço vivido e é baseada na concepção de Henri Lefebvre, em que mantém sua teoria no tripé práticas espaciais, espaços de representação e representações do espaço.

Discussão:

De mim para mim, tenho certeza que não sou louco;
mas devido ao álcool, misturado com toda espécie de apreensões
que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam,
de quando em quando dou sinais de loucura: delírio.
(BARRETO, Lima. Diário de Hospício: Cemitério dos Vivos).

Por coincidência ou não, Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no dia 13 de maio de 1881, isto é, exatamente sete anos antes da abolição da escravatura, o que já nos sugere as dificuldades que enfrentou durante sua breve vida, pois faleceu aos 41 anos.

Outra grande curiosidade de sua vida familiar foi o fato do seu pai trabalhar como administrador no Hospital de Alienados, na Ilha do Governador e, mais tardiamente, veio a ser paciente psiquiátrico, isto é, a loucura o rondava bem antes de sua própria internação. Barbosa (1952), através do depoimento de Carlindo de Lima Barreto, irmão mais novo de Lima Barreto, narra como foi que o João Henriques demonstrou os primeiros sinais de sua loucura:

No meio da noite, porém, o silêncio da pequena casa do Sítio do Carico foi cortado bruscamente por gritos lancinantes que vinham do quarto de João Henriques. O almoxarife delirava. Acudi-o incontinenti o filho Carlindo (Afonso não estava em casa). Por entre as frases desconexas que proferia, percebia-se que o pobre homem, alucinando, estava possuído pelo pavor de ser preso. Era a loucura! (BARBOSA, 1952, p. 110).

Como Lima Barreto sempre misturou ficção e realidade em muitas de suas obras como, por exemplo, em “Triste Fim de Policarpo Quaresma”, Barreto, provavelmente, baseou-se no próprio pai para desenvolver os delírios do Major Quaresma. Na figura de tal personagem, Lima Barreto em seus escritos descreveu delírios, agitação desordenada, falas sem nexos, inimigos, pavor, tremores, falta de interesses pelos afazeres que antes lhe eram importantes e a indiferença.

Quando o seu pai, João Henriques, era administrador do hospital de alienados, na Ilha do Governador, Lima Barreto, com apenas 12 anos vivia entre o Colégio Interno na cidade de Niterói e aos fins de semana passava com seu pai e irmão na Ilha. Como bem definiu Barbosa: “vivendo em um asilo de loucos desde cedo, o menino hipersensível começou a sentir as injustiças do mundo” (BARBOSA, 1952, p. 66) e daí pode ter vindo muita de sua inspiração como escritor.

O próprio Lima Barreto, imerso em um ambiente para “loucos” e também considerado mais tarde um “alienado”, questiona o que é a loucura em uma época em que o assunto quase não era discutido no meio literário e por que não dizer nos meios sociais?

“Que dizer da loucura? Mergulhado no meio de quase duas dezenas de loucos, não se tem absolutamente uma impressão geral dela. Há, como em todas as manifestações da natureza, indivíduos, casos individuais, mas não há ou não se percebe entre eles uma relação de parentesco muito forte. Não há espécies, não há raças de loucos, há loucos só” (BARRETO, Lima. 2017, p. 14).

As coincidências na vida de Lima Barreto não param por aí: a sua segunda internação, em 1919, aconteceu no dia de natal, a princípio por alcoolismo e “delírios”. Falando em alcoolismo, aqui podemos fazer uma ponte com o livro “Recordações do escrivo Isaias Caminha” no qual o autor narra por meio desse personagem, provavelmente, sua própria relação com o álcool, que mais parecia ter um sentimento de fuga da sua dura realidade:

“O álcool não entrava nos meus hábitos (...) Em minha casa raramente se bebia. Naquela ocasião, porém, deu-me vontade de beber, de me embriagar, estava cansado de sentir, queria um narcótico, que fizesse descansar os nervos tendidos pelos constantes abalos daqueles últimos dias” (BARRETO, Lima. In: BARBOSA, 1952, p. 118).

Segundo Barbosa (1952), grande biógrafo de Lima Barreto, sua relação com o álcool iniciou mesmo por volta de 1911, com o uso de cerveja, chope e uísque. No entanto, com o vício e com o baixo ordenado como funcionário público, Barreto passou a fazer uso da cachaça. As motivações para o uso e abuso de álcool pode ter sido proveniente da sua dura realidade doméstica: um pai louco e, ainda, as frustrações da sua luta para ser um grande escritor e/ou um funcionário reconhecido. Nas palavras do próprio Lima Barreto, sua relação com a cachaça: “Eu a bebia desbragadamente – confessa – a ponto de estar bêbado às 9 ou 10 horas da noite” (In: BARBOSA, 1952, p. 205-206).

O próprio Lima Barreto questiona-se de suas motivações para o uso e abuso do álcool em seu diário íntimo “Cemitério dos Vivos”:

Essa questão do álcool, que me atinge, pois bebi muito e, como toda a gente, tenho que atribuir as minhas crises de loucura a ele, embora sabendo bem que ele não é o fator principal, acode-me refletir por que razão os médicos não encontram no amor, desde o mais baixo, o mais carnal, até a sua forma mais elevada, desdobrando-se em verdadeiro misticismo, numa divinização do objeto amado: por que – pergunto eu – não é fator de loucura também? (BARRETO, Lima. 2017).

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

Mais uma questão a ser observada foi que em “Diário do Hospício – Cemitério dos Vivos”, Lima Barreto ao presenciar o suicídio de outro interno, disse que se caso fosse internado mais uma vez no Hospital Psiquiátrico, queria sair dali direto para o Cemitério São João Batista, que ficava próximo ao referido hospital. Não foi assim que ocorreu, mas Lima Barreto foi enterrado no referido cemitério, após sua morte por questões cardíacas.

No entanto, não foi a primeira vez que Lima Barreto pensou em suicídio, mas desde os tempos do colégio interno que possuiu, por vezes, essa vontade. Cabe aqui uma comparação numa perspectiva Foucaultiana de que a escola também era uma espécie de prisão e, por que não um hospício?

“Afonso sofria com a vida no internato. (...) Jamais se conformaria com a disciplina das aulas e dos estudos, com os gritos e palmatórias dos professores, os horários certos para tudo, controlados pelos apitos dos bedéis e pelo olhar policial dos decuriões. Certa vez em que apertaram as saudades de casa, resolveu fugir do Liceu. Idealizou um plano como os heróis de Júlio Verne, e um belo dia surgiu no Sítio da Ilha. João Henriques repreendeu-o severamente. E o menino mais sucumbido ficou com as palavras do pai, em quem tanto confiava, julgando-se irremediavelmente incompreendido. Pensou então no suicídio pela segunda vez, conforme registrou no *Diário Íntimo* nesta assombrosa confusão: ‘Armei um laço numa árvore do Sítio da Ilha, mas não me sobrou coragem, para me atirar no vazio com ele no pescoço’” (BARBOSA, 1952, p. 54).

Acerca da sua formação escolar, sua mãe, Amália Augusta, era professora e foi sua primeira mestra. No entanto, perdeu sua mãe precocemente, vítima de tuberculose, e aos sete anos ficou órfão de mãe. Mais tarde estudou no tradicional Colégio Pedro II e na Escola Politécnica, a qual teve que abandonar para sustentar a família após a internação de seu pai. Por apresentar uma boa educação escolar, Lima Barreto se tornou literário e jornalista, apesar de todas as dificuldades que enfrentou ao longo da vida.

As discussões em voga hoje na Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva têm como uma de suas grandes discussões os conceitos de normalidade e diferença. Como a partir da cultura as sociedades ao longo de gerações vêm designando o que ou quem é desviante e/ou fora do padrão, pois não correspondem às normas e valores preestabelecidos. Essas noções são delineadas a partir da ideia de normalidade, seja na perspectiva biológica ou orgânica e, ainda, sociocultural. Assim, “a deficiência se apresenta como uma ameaça, uma vez que ela se caracteriza por um desequilíbrio à norma estabelecida” (GOFFREDO, 2007. p. 14).

Desta forma, as pessoas com deficiência ou com diagnósticos psiquiátricos costumavam e, infelizmente, ainda são muitas vezes vistas por essa dicotomia entre normalidade/diferença e, conseqüentemente, essa visão binária impede que essas pessoas sejam vistas em sua integridade, pelas suas potencialidades, para além de suas limitações.

Assim, Alfredo Bosi no Prefácio do livro “Diário do Hospício: Cemitério dos Vivos”, edição de 2017 pela Cia das Letras, bem expressa o que era um “alienado”: “por algum tipo de comportamento considerado anormal, deve ser retirado da sociedade e encerrado em uma espécie de depósito onde os seres “normais” não o vejam nem mantenham com ele qualquer contato” (BOSI, 2017, p. 8. In: BARRETO, 2017).

Fazendo um paralelo com essa dicotomia entre normalidade e diferença, Lima Barreto ao ser internado no Hospital Psiquiátrico Pedro II foi considerado indigente, apesar de já ter escrito uma de suas primeiras e mais importantes obras: “Triste fim de Policarpo Quaresma”. Assim, a temática sobre inclusão/exclusão pode ser analisada sobre diversos vieses e nos salta aos olhos a múltipla exclusão do referido autor: negro, pobre, alcoólatra e com traços de alucinação.

Essa múltipla exclusão, de certo modo, é retratado em seu diário manicomial e, inclusive, Lima Barreto ainda teceu críticas ao tratamento que era submetido, tanto na ordem médica como na distinção de classe que até mesmo no “Cemitério dos vivos”, isto é, no hospital psiquiátrico, os indivíduos eram submetidos:

Amaciando um pouco, tirando dele a brutalidade de acorrentamento, das surras, a superstição das rezas, exorcismo, bruxarias etc., o nosso sistema de tratamento da loucura ainda é o da Idade Média: o sequestro. Não há dinheiro que evite a Morte, quando ela tenha de vir; e não há dinheiro nem poder que arrebate um homem da loucura. Aqui no Hospício, com as suas divisões de classe, de vestuário etc., eu só vejo um cemitério: uns estão de carneiro e outros de cova rasa. (BARRETO, Lima. 2017, p. 17).

Desta forma, o que podemos constatar é que Lima Barreto sofreu preconceito, foi estereotipado e estigmatizado, sobretudo pela sua condição psíquica. Ao agirmos de maneira preconceituosa, estigmatizada e estereotipada, tendemos a colocar o indivíduo que sofre essa ação em um lugar de isolamento, um lugar à margem. E esse lugar para Lima Barreto foi o manicômio, lugar de intensa exclusão e paisagens perversas. Concluímos que em diversas épocas e culturas as sociedades apresentam muita dificuldade em compreender a diferença e a diversidade e em como lidar com ela.

Dentro desse contexto, da violência que Lima Barreto sofreu ao longo de sua vida e, sobretudo, por meio das internações, Bosi expõe:

“(…) o que Lima sofreu nas dependências do casarão da praia Vermelha foi uma série de violências que ainda se praticavam na maioria dos hospícios da República Velha. Convém lembrar que esse tipo de tratamento não era uma singularidade brasileira, pois reproduzia práticas correntes em manicômios europeus do século XIX” (BOSI, Alfredo. In: BARRETO, Lima. 2017, p. 8).

Em relação às políticas públicas, o que vigorava no início do século XX, época em que Lima Barreto foi interno no Manicômio Pedro II, eram os serviços especializados destinados para cada tipo de deficiência: para cegos, surdos, deficientes mentais e deficientes físicos. Isto é, era a segregação entre os pares e a institucionalização da deficiência. Cabe ressaltar que tais políticas públicas possuíam um caráter intrinsecamente assistencialista, terapêutico/médico e segregativo. O principal objetivo dessas instituições era de retirar esses indivíduos ditos “anormais” do convívio social e marginalizá-los.

Ao escrever o seu diário-denúncia, Lima Barreto contribuiu para que pudéssemos ter acesso às paisagens segregativas em que pessoas consideradas desviantes das normas sociais eram submetidas. E, direta ou indiretamente, por meio de suas denúncias, também contribuiu para “uma sociedade onde os indivíduos não sejam separados uns dos outros e de si mesmos” (COSTA, 2007, p. 76).

Conclusão:

Lima Barreto foi um homem a frente do seu tempo, inclusive no que diz respeito às críticas que fez à instituição psiquiátrica que passou e o tratamento que lhe fora dado dentro e fora do Hospital dos Alienados. Nos seus próprios escritos em “Cemitério dos Vivos” expressa que desejava deixar o livro para toda a humanidade, em especial para aqueles que sofrem e são amaldiçoados (BARRETO, Lima. 2017). De certo modo, “Cemitério dos Vivos” foi sua autobiografia da loucura, da dor, das marcas de exclusão que o próprio Lima Barreto viveu e teve muita propriedade em escrever e expor um pouco de seu sofrimento. Essas notas, reflexões e memórias de Lima Barreto muito contribuem para entender as paisagens da loucura em que pessoas consideradas desviantes das normas sociais foram submetidas durante décadas e que também ajudam a compreender a luta antimanicomial que travamos na atualidade.

Referências e Bibliografia Pesquisada:

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. Coleção Documentos Brasileiros, 1952.

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

BARRETO, Lima. *Diário do hospício: o cemitério dos vivos* - São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BARRETO, Lima. *O destino da literatura*. Conferência de Lima Barreto. Revista Sousa Cruz, Rio de Janeiro, nº 58-59, outubro e novembro de 1921.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaias Caminha*. -Lisboa: Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira & C^a. 1909.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Polycarpo Quaresma*. - Rio de Janeiro: Typographia "Revista dos Tribunaes", 1915.

BRASIL. *Declaração de Salamanca – Sobre princípio, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf> Acessado em 19/06/2018.

COSTA, Valdelucia Alves da. *Os processos de inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais: políticas e sistemas*. Rio de Janeiro: UniRio/CEAD, 2007.

FOUCAULT, Michael. *A História da Loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

GOFFREDO, Vera Flôr Sénechal. *Fundamentos da Educação Especial*. Rio de Janeiro: UniRio/CEAD, 2007.

HIDALGO, Luciana. *Eletrochoques, pena e pincéis*. In: BRASIL, Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 1, nº 2, Agosto de 2015. Número com a temática sobre a Loucura.

HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência: Lima Barreto no Domínio da Loucura*. Annablume, 2008.

LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. Paris: Ed. Antropos, 1974.